

# Um pouco sobre a malvada

---

*Neyza Prochet\**

A MALVADA (All About Eve) USA, 1950.

Direção e roteiro:  
Joseph L. Mankiewicz

O filme *A Malvada* é um clássico do cinema e um de meus favoritos. Um de seus muitos méritos é o de manter uma temática extremamente atual, apresentada através de diálogos impecáveis e cenas antológicas. Como os clássicos bem o fazem, o tema trata das emoções humanas e dos inter-relacionamentos de pessoas com características e necessidades distintas. Fala sobre ambição e envelhecimento, sobre chegar ao ápice e sobre seu declínio. Fala sobre lugar no mundo e sobre construção da própria identidade. Fala sobre fins que justificam os meios, sobre ética (e sua falta), sobre manipulação, inveja, rivalidade, ciúmes e dissimulação.

As cenas iniciais desta obra transcorrem ao longo da cerimônia de premiação como melhor atriz da personagem Eve Harrington (Anne Baxter). Ao longo de mais de duas horas, gradualmente tomamos conhecimento de como foi a trajetória de Eve, desde a menina pobre que busca se aproximar de seu ídolo, a grande estrela Margo Channing (Bette Davis), já na maturidade, e seu relacionamento com esta até que ela própria atinja o estrelato.

A direção de Mankiewicz é brilhante, marcada por *flashbacks*, numa narrativa não linear e através de perspectivas distintas, seja sob a ótica de Karen, a melhor amiga e esposa do escritor e roteirista favorito de Margo ou pelo olhar do onipresente crítico de teatro De Witt. Como num quebra-cabeças, cada cena nos apresenta um recorte que será integrado aos demais até que o quadro se complete.

---

\* Psicóloga, psicanalista, membro efetivo do CPRJ, mestre e doutora em Psicologia Clínica USP-SP.

Mankiewicz nos convida a um mergulho na história onde personagens e espectadores acompanham o desenrolar dos acontecimentos. A presença, ao longo de todo o filme, de um narrador em *off* (o crítico de cinema) reforça o efeito metalinguístico da narrativa, onde a distância entre o espectador e os personagens é frequentemente diluída através do convite permanente de uma coconstrução narrativa.

Há muitas ironias ao longo do filme, começando sobre o título em inglês: *All about Eve*. Tudo sobre Eva? Na verdade, o filme trata justamente sobre o quão pouco nós sabemos, de nós mesmos ou de um outro, se nos mantemos fixados em determinada perspectiva.

Margo Channing é um personagem com quem nos identificamos muito facilmente. Quem, com mais 40 anos, não se pergunta se seu ápice já se foi? Quem não teme o tempo e o fenecer ao reconhecer a inexorabilidade das mudanças? Quem não tem um momento de medo e insegurança diante do novo e do jovem, em especial quando este jovem e novo elemento se parece tanto com aquele que fomos, na própria juventude, igualmente vorazes e sequiosos pela vida?

A coprotagonista, Eve, também é um personagem precioso e que catalisa identificações. Muitos de nós já sonhamos em repetir a trajetória de nossos ídolos. Não poucas pessoas também vêm de origem humilde e precisam lutar com determinação e resiliência cada passo do caminho do sucesso e do reconhecimento. Nessa luta, não é incomum a resistência e oposição dos mais antigos que, ameaçados pela força e frescor da juventude que ressaltam suas próprias perdas, obstaculizam e denigrem os esforços dos mais novos.

Viver, conviver e ter um lugar de reconhecimento, não é fácil. Uma das cenas mais famosas do cinema é a da escadaria na festa de aniversário que Margo oferece ao diretor e amante, Bill Sampson (Gary Merrill). A atriz percebe a atenção evidente que este dá à jovem Eve e, insegura e ameaçada pela juventude da outra, bebe em demasia e se torna reativa e agressiva. Ao descer a escada, de encontro aos convidados (e a nós), anuncia o clímax dramático que se prenuncia: “– Apertem os cintos! Esta será uma noite bem turbulenta!”

Será que este é um filme sobre mulheres? Os personagens femininos sugerem que sim, facilitados pelo contexto cultural e temporal da obra. Temos a mulher pobre e jovem que vende a alma ao Diabo para alcançar fama e poder, a mulher madura e ameaçada pelo curso do tempo que sugere perder a fama e o poder conquistados junto com a perda da beleza e da juventude, e a esposa devotada ao marido que toma para si a vida de seu par. Mulheres complexas, multifacetadas, com defeitos enormes e algumas qualidades, expõem-se diante

de nós, a serem julgadas ou não, ao gosto do público. Mas temos também personagens masculinos interessantíssimos como o grande vilão De Witt. É ele que nos conta toda a história, com um aparente distanciamento, mas que participa dela o tempo todo. Seu cinismo e manipulação têm a marca da psicopatia, ou seja, do não reconhecimento do outro como outro, mas como coisa a ser usada para sua única satisfação.

Outro personagem importante escondido, cujas ações têm o efeito catalisador em quase tudo o que acontece no filme, é Lloyd Richards (Hugh Marlowe). Este é o escritor e roteirista favorito de Margo, com uma fórmula comprovada de sucessos de bilheteria encontrada ao escrever determinados papéis para sua musa, Margo. O problema é que suas protagonistas permanecem jovens há anos, mas como é humana, ao contrário das personagens fictícias, Margo envelheceu e não se adapta mais aos papéis que antes eram perfeitos para ela.

Vale assinalar que várias críticas referentes ao filme assinalam a semelhança entre o roteiro e o que, de fato, era vivido por Bette Davis na própria carreira. A atriz depois de um período de estrelato absoluto, já mais velha, amargava o marasmo de um período de trabalho marcado por filmes e desempenhos inexpressivos. Davis viu neste roteiro a oportunidade única que este lhe oferecia e mergulhou no papel que lhe deu sua nona indicação ao Oscar de melhor atriz.

Voltemos ao título original: *All about Eve*. Se Eva é a figura bíblica imputada como responsável pela perda da inocência e pela expulsão do Paraíso, também é Eva aquela que busca o conhecimento e que, através de sua fecundidade, cria uma alternativa possível para a morte absoluta: a descendência. Eva é aquela que, por suas escolhas, renuncia à imortalidade e a alcança através de seus filhos.

Podemos usar esta obra magnífica como um exercício de reflexão sobre maturidade e envelhecimento.

Nesta perspectiva este filme é extremamente atual já que, mais do que naquela época, envelhecer parece constituir prova cabal de incompetência e fracasso. Estrelas de cinema não são humanas, são mitos. Ideais de beleza e perfeição que devem permanecer eternizados. Assim, muito do temor que Margo sentia, derivava do reconhecimento de que dificilmente novos papéis surgiriam, papéis de mulheres mais maduras e que, talvez, não lhe seria oferecido nada diferente do papel que a lançou ao sucesso. Como ser uma Margo bem-sucedida, reconhecida, se não poderia mais ser a mesma jovem de tantos anos? Ela entra em crise e se pergunta: - *“So many people know me – I wish I*

*did*”. (Tanta gente me conhece, eu também queria). Ela se angustia se fez as escolhas certas para si, questionando-se sobre o valor para si da alternativa possível que, na América dos anos 50, era o papel de mãe devotada e esposa, tal como Karen, melhor amiga e esposa do escritor. Margo pressente que, ao deixar de viver os papéis antes designados a ela, pouco ou nenhum papel lhe restará para viver.

Ter Bette Davis como protagonista é um diferencial significativo para a valorização da questão da mulher. A atriz, desde sempre, é um símbolo feminino de competência e insubmissão. Ela foi a primeira atriz (entre homens e mulheres) a receber 10 indicações ao Oscar; e foi a primeira mulher presidente da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas. Também foi a mesma Bette Davis que abandonou o cargo, oito meses depois, por recusar-se a “ser controlada”.

A *Malvada* é um filme que fala da alma feminina, mas também é uma obra que transcende a questão de gênero ao colocar em pauta a relação do humano com um tempo que passa e sobre o qual ele nada pode fazer para impedir seu curso.

(...) Manter um senso de continuidade através das mudanças e variações do ambiente em volta; suportar as desilusões e o reconhecimento de uma potência limitada; adaptar-se sem submeter-se, eis o ofício de ser a si mesmo (PROCHET, 2000, p. 2)

Ser a si mesmo é tarefa para a vida toda e implica, numa construção permanente, o manter-se vivo, até a morte. Para tal, vai precisar acolher as mudanças que o tempo e o ambiente impõem, com os ganhos e perdas inerentes ao que foi vivido.

Para Winnicott, a cultura não é algo dissociado do indivíduo. Ela só existe no viver aquela experiência que irá continuamente nos transformar ao mesmo tempo em que também a transformamos. Neste aspecto, estar vivo depende diretamente de a cultura permitir termos “um lugar para guardar o que encontramos” (WINNICOTT, 1971, p. 138).

Genaro Júnior (2014), refere-se a Safra (2006) ao abordar os fenômenos psíquicos decorrentes da maturidade e do envelhecimento. Segundo Safra haveria um desmanche dos elementos que constituíam a estabilidade identitária do indivíduo, ou seja, que a consciência das alterações físicas e psíquicas realizadas pelo tempo, decorrentes do envelhecimento, provocaria uma desconstrução psíquica. O autor enfatiza que há a necessidade de que haja um lugar na experiência cultural para envelhecer e morrer, partes inerentes da experiência humana.

É uma característica da maturidade, e consequentemente da saúde, que a realidade psíquica interna do indivíduo se enriqueça o tempo todo com experiências, e faça com que as experiências reais do indivíduo sejam, o tempo todo, ricas e reais. Desse modo, tudo o que existe sobre a face da terra pode ser encontrado no indivíduo, que é capaz de sentir a realidade de tudo o que seja verdadeiro e passível de ser descoberto (WINNICOTT, 1989, p. 147-148).

É preciso haver lugar, dentro de nós e em nosso ambiente, para encontrar sucessos e fracassos, boas e más escolhas, recusas, perdas e limites, e é igualmente preciso que a consciência desses limites e perdas não retire do viver o valor daquilo que é vivido, nem que a insensibilidade e a reatividade nos impeçam de entrar em contato com o mundo e com o outro. Fases de transição são sempre dolorosas, pois acarretam inevitavelmente vivências de luto, impotência e dor, mas esta é a marca da condição humana. A possibilidade de superação acontece através da experiência criativa e da arte, do gesto que vai ao encontro da vida, da aceitação do que esta oferece em sua integralidade.

*Julho de 2018*

**Neyza Prochet**

nepr@uol.com.br

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

## **Referências**

GENARO JÚNIOR, F. Aspectos fundantes na clínica do envelhecimento. *Psicologia Revista*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 51-74, 2014.

PROCHET, Neyza. *Tempo de criação – perspectivas temporais na Clínica Winnicottiana*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2000.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1971.

\_\_\_\_\_. Este feminismo (1964). In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.